

FATOS E NOTAS

A GRANDE CAPACIDADE NAUTICA DE COLOMBO

O homem da Ligúria a que alude Torquato Tasso, Cristovão Colombo, nasceu em Gênova, entre 26 de agosto e 31 de outubro de 1451, sendo filho de Domênico Colombo e Susana Fontanarossa. Domênico, como todos os de sua família, exerceu a profissão de tecelão de lã; mais tarde a de comerciante.

Não era Colombo de estirpe ilustre, em que se contasse mais de um almirante; não esteve em guerra a serviço do rei Renato d'Anjou; não cursou nenhuma universidade.

Ficou na sua terra natal até 1473, quando se transferiu para Portugal. Neste país, a serviço de firmas comerciais genovesas estabelecidas em Lisboa, realizou diversas viagens, indo à Madeira, à costa da Guiné, às Canárias, à Inglaterra e talvez aos Açores e Islândia.

Em agosto de 1479 visitou a sua cidade natal, mas logo voltou a Portugal, onde casou-se com Felipa Muniz, com a qual teve o filho de nome Diogo.

Mais ou menos em 1484, se apresentou a D. João II, rei de Portugal, solicitando navios e gente para atingir o país das especiarias por uma rota oposta àquela procurada pelos portugueses. Essa sua concepção foi recusada e tendo-lhe falecido a espôsa, resolveu partir para a Espanha com o escopo de propor aos Reis Católicos o seu projeto não aceito por Portugal.

Historiadores do século XVI, inclusive o famoso Oviedo, disseram e alguns dos atrasados dos nossos dias repetem, que Colombo passou duras privações durante o longo tempo que permaneceu na Espanha aguardando uma solução ao seu projeto.

Isso, parodiando D'Avèzac, não passa de genuíno solecismo histórico. Colombo ao partir de Portugal para a Espanha levou consigo valiosas cartas de recomendação de riquíssimos mercadores e banqueiros genoveses de Lisboa, tais como Paolo di Negro, Luigi Centurione, Antônio Basso e Nicoló Spinola, para as mais altas personalidades da Espanha, de que resultou ser muito bem acolhido pelo duque de Medina Sidônia, o mais rico senhor do reino, e, depois pelo duque de Medina Celi que lhe deu hospedagem em sua própria casa durante cerca de 2 anos, e o recomendou ao cardeal da Espanha e arcebispo de Toledo, Pedro Gonçalves de Mendoza.

Em janeiro de 1486, por intermédio dêste cardeal, obteve uma audiência da rainha Isabel que o acolheu amistosamente e o admitiu no seu séquito. Existem documentos nos arquivos de Simancas provando ter Colombo recebido em diversas épocas, dos cofres públicos, auxílio em dinheiro.

Na lista dos amigos e protetores do Genovês, encontram-se os nomes de Diego de Deza, bispo de Zamora, preceptor do herdeiro da corôa; de Hernando de Talavesa, o mais venerado dos prelados do reino; de Alexandre Geraldini, preceptor dos quatro infantes; o do famoso conde de Tendilla, cuja opinião junto a Talavesa muito influiu para decisão do empreendimento; de Luiz de Santangel, intendente da corôa de Aragão, membro do conselho real e tesoureiro da "Sancta Hermandad"; de Francisco Pinelo, também tesoureiro da "Sancta Hermandad"; e de Beatriz de Bobadilla, marquesa de Moya, amiga íntima da rainha Isabel.

* * *

*

O financiamento do grande empreendimento de Colombo foi recentemente estudado nos seus detalhes pelo historiador italiano Rinaldo Caddeo (1).

Disse Colombo no *Memorial de agravios* (2) que êle fêz em pessoa a metade das despesas da primeira viagem porque os soberanos não quiseram dar mais que um conto: "*fizo la myetad del gasto* y puso sus personas porque Sus Altezas para este negocio no le quisieron dar mas de un cuento, y a él fué necessario de prover de medio porque no abastaba para tal hecho". A mesma declaração fêz no seu testamento de 1506: "SS. AA. no gastaron ni quisieron gastar para ello, salbo *un quento de maravedis, é a mi fué necessario de gastar el resto*". (Escritos de C. Colon, II, página 263).

A despesa com a viagem de que resultou o descobrimento da América foi, pois, de *dois contos* de maravedis ou sejam dois milhões, que correspondem a cêrca de 30.000 cruzeiros.

D.º Fernando, filho de Colombo, diz que a quantia necessária para o empreendimento foi inteiramente fornecida por Luiz Santangel; outros historiadores informam que foi do tesouro de Aragão que saiu o dinheiro; outros criaram a lenda de ter a rainha Isabel empenhado as suas jóias. Mas a verdade é bem diversa: a metade da soma foi fornecida por Colombo e a outra aparentemente por Luiz Santangel. Os documentos dos arquivos de Simancas confirmam o que disse o Genovês na parte que lhe diz respeito, e provam por sua vez a intervenção direta de Santangel.

(1). — *Storia della vita e dei fatti di Cristofaro Colombo per D. Fernando Colombo suo figlio*, comentada por Rinaldo Caddeo, Milano, 1930, volume II, páginas 346 a 360.
(2). — Duquesa de Berwick y Alba — *Autográfos de Colon*, Madrid, 1892, página 28.

Uma vez, porém, que Colombo era pobre, onde pôde conseguir um milhão de maravedis, sua contribuição em dinheiro para a realização do grande empreendimento marítimo? A única explicação plausível é que essa quantia lhe foi emprestada pelos banqueiros e mercadores genoveses, seus patrícios.

Caddeo (3) analisando diversos documentos, principalmente os dos arquivos de Simancas, chegou a conclusão de que a própria contribuição dos Reis Católicos foi conseguida por meio de um empréstimo dos banqueiros genoveses que, naquela época, eram senhores do mercado monetário da Espanha.

* * *

Ptolomeu, modificando a idéia que os gregos faziam da terra conhecida e habitada, aumentou a extensão dela de 140 para 180 graus, isto é, fez o mundo então conhecido estender-se 180 graus de oeste a leste. Marino de Tiro aumentou essa extensão para 225 graus.

As narrações dos viajantes sôbre a vastidão misteriosa do continente asiático e as descobertas de novas ilhas e terras que se realizaram no Atlântico ao longo da costa ocidental da África, parecia darem razão à concepção dos citados geógrafos.

Colombo aceitou os conceitos de Marino de Tiro, segundo os quais o mundo conhecido abrangia dois terços da circunferência terrestre, de modo que a parte desconhecida colocada entre a extremidade ocidental da Europa e a extremidade oriental da Ásia, ficava consideravelmente reduzida e a navegação entre essas duas extremidades era possível.

Colombo também estudou com grande interesse e levou consigo nas suas viagens a obra *Imago Mundi* do cardeal Pierre d'Ailly, publicada em latim em 1480, cujo exemplar por êle devidamente anotado e pelo seu irmão Bartolomeu, acha-se na Biblioteca Colombiana de Sevilha.

O livro do cardeal d'Ailly é uma compilação de obras escolásticas de autores gregos como Aristóteles, Ptolomeu, Hegesipo e João Damasceno; de autores latinos como Sêneca, Plínio, Solino, Orósio, Santo Agostinho, Isidoro de Sevilha e Beda; e, finalmente de autores árabes como Afragani e Albategna.

Na sua citada obra, entre outras cousas, o cardeal d'Ailly diz que Aristóteles afirmou que o extremo oriental habitável está muito próximo do oeste; que os mares têm menor extensão que a terra. Referindo-se a Sêneca, o referido cardeal diz que êle no livro V da sua *História Natural* afirma que com vento favorável,

(3). — *Obra citada*, páginas 346 a 360.

se podia atravessar êsse mar que ficava entre a costa ocidental da Espanha e a oriental da Ásia.

Com relação às cartas que Toscanelli enviou a Colombo, aconselhando-o a procurar um novo caminho para o país das especiarias, rumo ocidente, muita tinta foi consumida, principalmente por Vignaud (4) visando provar que a correspondência entre os dois italianos é apócrifa. A tese dêste americanista provocou imediata e rigorosa reação dos mais autorizados historiadores que a combateram com vigor e erudição. Apesar de Vignaud em outros trabalhos de notável mérito ter procurado defender a sua proposição, hoje a autenticidade das referidas cartas é admitida.

Todavia, como acentua Rinaldo Caddeo (5), um ponto da tese de Vignaud ainda não foi refutado e provavelmente nunca o será. E' aquêlê em que êle diz "que o plano teórico do famoso cosmógrafo florentino nada têm de extraordinário, pois qualquer amador de questões cosmográficas daquela época, chegaria às mesmas conclusões a que êle chegou. De fato, as idéias de esfericidade da Terra, da exagerada extensão do continente asiático em direção ao Oriente, da existência de antípodas, que constituíam a base fundamental da concepção de Toscanelli, não eram e não podiam ser novidades na Itália do Renascimento. A idéa da esfericidade da Terra, herança da época clássica, era aceita e defendida; o êrro do demasiado prolongamento da Ásia em direção ao levante e conseqüentemente a diminuição da zona marítima conhecida ao ocidente da península ibérica, era aceito não só por Marino de Tiro, pelo cardeal d'Ailly e outros cosmógrafos, mais também pelos viajantes como Marco Polo e missionários religiosos que tinham atingido a Índia e outras regiões do Extremo Oriente; a habitabilidade das "cinco zonas" e, conseqüentemente a existência de antípodas, era idéa que vinha sendo confirmada pelas descobertas das ilhas atlânticas e pelos descobrimentos dos portugueses ao longo da costa ocidental da África em direção ao sul".

Um documento que reforça êsse conceito de Vignaud, é a carta que a 14 de julho de 1493, ignorando o projeto de Colombo, a sua partida e feliz regresso do Novo Mundo, o Dr. Jerônimo (Münzmeister) Monetário, de Nuremberg, enviou ao rei D. João II de Portugal, aconselhando-o a equipar navios a fim de atingir, atravessando o Atlântico, a região rica de sêda, de pedras preciosas e de especiarias. Nessa carta são encontrados todos os argumentos de que se serviu Toscanelli para induzir Colombo a adotar a rota do oeste, como aquêles de que mais tarde o Genovês lançou mão para sustentar o acêrto do seu projeto (6).

* * *

(4). — *La Lettera et la carte de Toscanelli sur la route des Indes par l'Ouest*, Paris, 1901.

(5). — *Obra citada*, página, 340.

(6). — Henry Harrisse — *Christophe Colomb devant l'Histoire*. Paris, 1892, página 51.

Os conhecimentos geográficos antes da viagem de Colombo, acham-se reunidos e representados gráficamente no célebre globo de Nuremberg, feito no mesmo ano dessa viagem (1492), sob a direção de Martim Behaim, que concorreu com todos os dados que naquela época constituíam descobertas recentes (posteriores à viagem de Marco Polo), a saber: a dos portugueses na costa ocidental da África até o cabo da Boa Esperança e dos italianos, espanhóis e portugueses no mar largo fronteiro à Europa e África Setentrional.

Diz o texto dêsse globo: “Saiba-se que êste globo representa as dimensões da Terra, tanto em longitude como em latitude, medidas geomêtricamente segundo a cosmografia ptolomaica, quanto a uma parte, e, quanto ao resto, segundo Marco Polo e o respeitável doutor João de Manderville”.

“O ilustre D. João, rei de Portugal, mandou em 1485 visitar pelos seus navios todo o resto do globo para o sul, desconhecido de Ptolomeu, descoberta em que eu, autor dêste globo, tomei parte. Ao Ocidente fica o mar chamado Oceano, onde se navega até mais longe do que Ptolomeu julgava possível; além das “Colunas de Hércules” até as ilhas dos Açores encontram-se Faial e Pico, que são habitadas pelo nobre e piedoso cavaleiro de Hüter de Morchirchen, meu querido sogro, e por colonos saídos de Flandres. Nas regiões tenebrosas do norte, para além dos limites indicados por Ptolomeu, vêem-se a Islândia, Noruega e Rússia, hoje conhecidas, e para as quais todos os anos se dirigem navios, apesar dos homens serem tão ingênuos que julgam que se não pode navegar por tôda a parte, em razão da forma do globo”.

Por êsse texto, notamos que além das “Colunas de Hércules”, isto é, no Atlântico, só se navegava até os Açores e, portanto, era ignorada a existência da América. Nas regiões norte só se sulcavam os mares até a Islândia, Noruega e Rússia, sendo concludente a completa ignorância da existência das regiões ao norte do continente americano.

Em algumas das descobertas marítimas dos portugueses ao longo da costa ocidental da África, Behaim havia tomado parte pessoal e a sua residência nos Açores tinha-o familiarizado com as outras. Dêsse modo, documento algum cartográfico do século XV era tão importante como êsse, e a comparação com os demais conservados, demonstra que nenhum outro foi elaborado com tão grande dose de conhecimentos pessoais e de critério geográfico como êste.

A contribuição pessoal de Behaim foi presumivelmente limitada à representação da costa ocidental da África e das ilhas atlânticas até então definitivamente conhecidas, ao passo que a outra parte referente às costas asiáticas, êle as assinalou, segundo declara no texto, de conformidade com a narração de Marco Polo.

Na parte representada de acôrdo com a sua contribuição pessoal, notamos os arquipélagos da Madeira, Canárias, Cabo Verde e Açores que se acham mui regularmente figuradas.

Das ilhas imaginárias, que os cartógrafos dos séculos XIV, XV e começo do XVI, faziam aparecer, desaparecer e mudar de posição, como as peças no taboleiro do jogo de xadrez, à semelhança do que ocorria com as de nome *Brasil*, *Man de Satanaz*, *São Brandão*, etc. só foram conservadas no Atlântico a *Antilha* ou *Sete Cidades* e *São Brandão*, situadas muito além da zona dos conhecimentos pessoais dêste cosmógrafo e assim presumivelmente figuradas, como as da costa asiática, sob a responsabilidade de seus colaboradores no globo, os quais seguiram as praxes estabelecidas entre os cosmógrafos e cartógrafos dessa época, ao passo que, ao que parece, Behaim na sua contribuição ao globo, caprichava em só figurar o que tinha sido verificado positivamente.

Do mesmo modo, no Atlântico Setentrional, as ilhas fora das costas americanas, ainda não conhecidas, já descobertas, figuram com os nomes e as bandeiras dos países a que então pertenciam, ao passo que aquelas cuja existência não têm sido verificada até hoje, estão sem bandeira, e no caso de ter nome, têm como já observamos, uma inscrição que claramente indica a opinião de Behaim a respeito do seu caráter místico.

E é êste característico da discriminação entre o certo e o incerto, que dá uma importância capital ao globo de Behaim em se tratando dos conhecimentos geográficos antes da viagem de Colombo.

* * *

Deixando-se arrastar por considerações de pura vaidade nacional, historiadores da península procuram a todo o momento diminuir os méritos de Colombo, ora fantasiando vulpinas historietas, ora inventando falsos precursores, ora anunciando pasmosas novidades que não passam de fogo de artifício.

Não faz muito tempo, saíram-se com esta: o feliz resultado da primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo foi obra de mero acaso, porque em realidade o Genovês não era um consumado navegador, de vez que não estudou em nenhuma universidade e nem tão pouco cursou qualquer escola naval como a pretensa de Sages, onde querem tenha pontificado o Infante D. Henrique.

Seria interessante que êsses fariçeus da história nos indicassem as escolas navais que freqüentaram Bartolomeu Dias, João e Sebastião Caboto, Vasco da Gama, Amerigo Vespucci, Fernão de Magalhães e outros famosos navegadores da época de Colombo.

A verdade está com Rinaldo Caddeo (7) quando diz que "a escola náutica daquela época era no mar, vivendo a bordo

(7). — Obra citada, volume II, páginas 319 e 320.

dos navios em íntima e plena promiscuidade com as velhas e adestradas tripulações, assistindo e participando de suas manobras, aprendendo a dispor as velas, a governar o leme, a conhecer o uso da bússola, do astrolábio e da balestilha, a cartear, a calcular os percursos, a consultar as estrêlas, a conhecer o regime dos ventos, a direção das correntes, a insídia dos escolhos, a segurança dos portos, os perigos das calmarias e das imprevistas tempestades”.

A acusação irritante de que o Genovês não tinha capacidade náutica, não podia deixar de provocar salutar reação e, entre os historiadores que saíram a campo para defender Colombo, convém destacar-se o norte-americano George E. Nunn com a sua erudita obra intitulada *The Geographical Conceptions of Columbus*.

Diz Nunn, “Colombo elaborou determinado plano de exploração rumo oeste, durante a sua permanência em Portugal. Não importa si êsse plano era idêntico ao que êle levou a cabo mais tarde. De Portugal se dirigiu Colombo à Espanha. Aqui, o ponto de partida para a sua viagem, o pôs em face do mesmo problema de navegar o Atlântico, em direção ao oeste, que êle teria seguido, partindo de Portugal”.

“No estudo do Atlântico Norte, havia três pontos principais, de onde o problema, como Colombo o encarava, podia ser estudado melhor que alhures. Tais pontos eram: os Açores, a Madeira e as Canárias. Todos os três já eram conhecidos dos portugueses havia muitos anos. Tais pontos, com respeito às correntes marítimas e aos ventos predominantes, deveriam ser especialmente estudados. São cousas particulares importantes quando se trata de atravessar o Atlântico à vela. Um estudo conveniente dos ventos e correntes marítimas poderia sob certas circunstâncias, ser denominado “preparação científica” para a grande viagem, especialmente se a realização desta indica a utilização adequada de tais informações. Basear tal estudo nestes três pontos principais, seria a preocupação de Colombo visando a resolver o seu problema”.

“A travessia do Atlântico tinha sido reconhecida, desde tempos remotos, como dependente dos ventos. Sêneca disse em seu livro: um navio pode vencer em poucos dias, com vento favorável, a distância da costa da Espanha à Índia. Isto é citado por Fernando Colombo como uma das opiniões de homens letrados que influenciaram seu pai na concretização de seu plano, e mostra que Colombo deu pormenorizada atenção a êsse aspecto do problema. Sem tais ventos favoráveis seria duvidoso encontrar uma tripulação bastante corajosa para enfrentar a viagem”.

“Um estudo mostrará que, ao norte dos Açores, prevalecia uma corrente de ventos de oeste e correntes marítimas, tornando impossível a travessia nas condições referidas por Sêneca. Entre os Açores e as Canárias havia uma faixa com alta porcentagem de calmarias. Os ventos eram variáveis, sem vento de oeste predominando. Todavia, as ilhas Canárias marcam de um modo geral

o limite norte dos ventos nordestes navegáveis. Não existem impecilhos a uma viagem em direção a oeste pelas correntes marítimas. Esses ventos variam de acôrdo com as estações. As condições aqui mencionadas prevalecem no extremo norte. No meio do Atlântico o limite norte dos ventos navegáveis varia entre os paralelos de 15 a 18 graus. Perto da costa europeia, êles variam de Lisboa, latitude de 38 graus, a Mogador, na costa marroquina, a 32 graus”.

“Colombo reuniu tôdas as informações que pôde obter acêrca das provas de terra em direção oeste. Las Casas e Fernando Colombo gastaram considerável tempo em reunir tais informações. Todavia, nenhum dêles diz algo a respeito do problema de navegação do Atlântico”.

“De tudo que pudemos apreender desta fase do problema, só podemos assinalar o fenômeno natural, comparando-o com a conduta de Colombo em sua viagem. Contudo existem provas importantes que foram colhidas por Las Casas e Fernando Colombo. De acôrdo com as mesmas, os habitantes dos Açores informaram que, quando o vento soprava do oeste diversos dias, apareciam, nas costas das ilhas, pinheiros de espécie ali não existente. De outra feita o mar trouxe os corpos de dois homens de raça estranha, à ilha das Flôres, uma dos Açores. Ainda em outra ocasião, Martim Vicente informou Colombo que, estando a 450 léguas a oeste do cabo de São Vicente, colheu do mar um pedaço de madeira curiosamente esculpido. Disse Martim que os ventos sopravam de oeste durante vários dias. Pero Correira narrou a Colombo que na ilha de Pôrto Santo, viu um outro pedaço de madeira trazido pelos mesmos ventos. Outras informações são sôbre bambus de tal tamanho que um nó podia conter 4 quartéis de vinho. Bambus dessa espécie não cresciam na África nem tão pouco na Europa”.

“Grande parte dêesses fatos eram apontados como tendo relação com os ventos de oeste. As pequenas embarcações e os cadáveres, não obstante, foram trazidos pelo mar. Provavelmente, podemos interpretar isso, como tendo relação com as correntes vindas do oeste e que passam pelos Açores. Dêesses quatro, se relacionam diretamente com os Açores e um com a ilha de Pôrto Santo, ao passo que o relato dos bambus não está localizado”.

“Do exposto deduz-se que Colombo devia preocupar-se com a existência dos ventos dominantes de oeste e com as correntes marítimas na latitude dos Açores. Quanto ao conhecimento do mar mais ao sul, devemos inferir de outros fatos. Colombo duvidou da narração de Antônio Leme que disse ter avistado ilha a oeste da Madeira porque, pela sua própria narração, não chegou êle a navegar mais que 100 léguas para oeste. Afinal, si algo foi avistado, só podiam ser escolhos ou ilhas flutuantes a que aludem os antigos. Disso se pode concluir estar Colombo familiari-

zado com o Atlântico, pelo menos, aproximadamente, 300 milhas além do arquipélago da Madeira”.

“Segundo o depoimento da testemunha Alonso Velez Allid, nos *Pleitos de Colon*, certo Pedro Vasquez de la Frontera disse a Colombo e a Pinzon, com relação ao mar a oeste, que quando chegassem no meio das ervas, deviam seguir um caminho reto, pois si assim fizessem, era impossível que não encontrassem terra. Disse mais que esse Pedro Vasquez de la Frontera tinha viajado para oeste com um infante de Portugal, afim de encontrar as Índias. Por não ter o infante vencido o obstáculo das ervas, falhou no seu empreendimento. Tais “ervas”, no oceano, parecem ser nada mais que o chamado “Mar de Sargaço”. Nesse caso, o conhecimento direto do Atlântico era possível por mais de 1000 milhas à oeste da Madeira e das Canárias, pois que a maior parte do *Mar de Sargaço* não está a oeste dos Açores. Está na faixa das calmarias e não das correntes oceânicas, e a sua mais densa área entre os paralelos 20 e 35 de latitude norte e os meridianos 38 e 74 a oeste de Greenwich. A posição varia ligeiramente com os ventos e as correntes. Tais as provas coligidas por Colombo antes da sua viagem”.

“Existiam notícias vagas a respeito da ilha das Sete Cidades e outras ilhas míticas, todavia isso não é o caso de estudarmos em detalhe tal assunto. Provavelmente Colombo tinha mais provas do que as relatadas por Las Casas e seu filho D. Fernando. Mas isso não nos foi revelado. Deve ser notado que nem Las Casas e nem D. Fernando dedicaram-se a discutir o problema da navegação do Atlântico sob o ponto de vista náutico. Analisando-se essas informações, é que nos inteiraremos dos conhecimentos que possuía Colombo”.

“Se imaginarmos um cientista de hoje, estudando o problema da navegação do Atlântico nas condições idênticas às que Colombo deparou em 1492, surge a pergunta: que informações podia êle colher que o auxiliassem na solução do seu problema?”

“Devemos considerar tal pessoa limitada apenas à parte leste do Atlântico para todos os seus conhecimentos. Ela podia fazer os seus cálculos com relação ao tamanho da Terra. Podia inteirar-se da extensão do mundo entre o oeste e o leste conhecidos. De tais dados obtidos podia calcular a distância provável através do Atlântico. Sabemos que Colombo fez isso”.

“Tal cientista, igualmente consideraria os seus meios de navegar. No caso de ser em navio de vela, êle iria, então, estudar a questão de vencer os obstáculos para tal viagem. Em outras palavras: estudaria os ventos e as correntes marítimas. Ficaria então ciente da existência de ventos de oeste predominando ao norte dos Açores. Entre os Açores e as Canárias verificaria a existência de uma faixa de calmarias e ventos variáveis, inclusive uma boa porcentagem de ventos quentes desfavoráveis. Ao sul das Caná-

rias, notaria a existência de ventos nordestes e lestes predominando, com baixa porcentagem de calmarias e muito poucos ventos quentes. Quanto às correntes marítimas, verificaria a existência de um impulso para leste ao norte dos Açores. Esta corrente se dirigia para o sul ao longo do litoral português e norte da África, e novamente se movia em direção a oeste, entre as Canárias e as ilhas de Cabo Verde. A não ser que a pesquisa se estendesse bastante para o norte e para o sul, isso abrangeria substancialmente tudo quanto os nossos atuais cientistas poderiam aprender, em resumo atravessando o Atlântico”.

“Se aplicarmos essa pesquisa ao problema de Colombo, veremos que êle, aparentemente, conhecia todos êsses fenômenos e os compreendia tão bem, a ponto de não tomar nenhum rumo errado durante tôda a sua longa viagem. Do conjunto de provas de terra a oeste, concluímos que Colombo conhecia os ventos de oeste que predominavam e o impulso marítimo para leste na região dos Açores e norte dêste arquipélago. Porém, não temos nem mesmo uma simples alusão à faixa das calmarias e ventos variáveis entre os Açores e as Canárias; tão pouco temos qualquer referência aos ventos de nordeste e leste predominando ao sul das Canárias”.

“Sabemos, de relatórios diretos de Colombo, ter êle dado especial atenção ao estudo dos ventos e correntes marítimas. Em carta de 1501 disse êle: “fui para o mar muito jovem e nele continuei até hoje; e êsse habito desperta naqueles que o praticam o desejo de descobrir os segredos dêste mundo. Há quarenta anos que tenho viajado por todos aquêles pontos presentemente freqüentados; e tenho tratado e conversado com gente sábia, seja do clero como de outra classe; e nosso Deus mostrou-se favorável a essa minha inclinação e Dêle tenho recebido o espírito da compreensão. Êle me fêz competente em navegação”. . . Em sua conhecida carta — “Arte de Navegar” — êle lembra ter advertido, em 1497, o Rei e a Rainha quanto à provável data da chegada da tão atrasada frota de Flandres. Isso foi devido ao seu conhecimento especializado dos ventos do “Canal Inglês” e do gôlfo de Biscaia. No diário de sua primeira viagem, Colombo propôs desenhar uma nova carta de navegar, onde assinalaria todos os mares e terras com as respectivas posições geográficas e rumos. Porém, é desnecessário discutir êste ponto. Colombo era um dos mais adiantados navegantes do mundo na época dos navios à vela”.

Depois de analisar em todos os detalhes a primeira viagem de Colombo, quer na ida quer no regresso à Espanha, assim conclui Nunn o erudito estudo: “Em sua primeira viagem descobriu Colombo aquela rota seguida ainda hoje por todos os navios navegando de qualquer parte da Europa para a América do Norte. Também descobriu a rota de retôrno pelo paralelo dos Açores, reconhecida até hoje como a melhor. Em realidade foram três as

descobertas feitas em 1492 por Colombo. A descoberta das duas rotas oceânicas foi suplantada pela das ilhas e terra firme, isso naquela época em que o Atlântico não era tão conhecido como hoje”.

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA

Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.